

GEOSÍTIOS CULTURAIS DE SÃO JOÃO DA CHAPADA

Mariana de Oliveira Lacerda*

Universidade Federal de Minas Gerais

Um *sítium*, para Besse (2006), se define por uma posição e por uma vizinhança características. Um geosítio, portanto, é definido como um *sítium* capaz de despertar o interesse didático, científico ou turístico ligado ao conhecimento da terra. Identificar e gerar significados sobre os geosítios é ponto de partida para estimular a percepção e o conhecimento sobre as feições da terra. Este é o principal objetivo do geoturismo. Muitos autores ressaltam exclusivamente as características geológicas e geomorfológicas dos geosítios, contudo, o geoturismo também se vincula ao que Troppmair (2004) denomina sistema da paisagem, uma vez que as rochas constituem o suporte fundamental para a vida. Em uma abordagem ainda mais sistêmica e interdisciplinar, o geoturismo permite lançar luz sobre os valores histórico-culturais decorrentes da adaptação humana para sobreviver nos diferentes ambientes do planeta. Pensando nisso, realizou-se uma investigação sobre os geosítios culturais de São João da Chapada, SJC, distrito de Diamantina, com o objetivo de estruturar uma proposta de geoturismo ligado à geo-história do diamante. Machado Filho afirma que “*minerar foi e é a ocupação quase exclusiva do Sanjoanense*” (1985, p.15). A base africana do povoamento está relacionada ao fato de SJC estar inserido dentro dos limites da área diamantífera identificada e demarcada pela Coroa Portuguesa, em 1734. Saint-Hilaire a descreveu como: “*uma área, quase circular, de cerca de 12 léguas de circunferência. Rochedos sombranceiros, altas montanhas, terrenos arenosos e estéreis, errigados por um grande número de riachos, sítios os mais bucólicos, uma vegetação tão curiosa quão variada, eis o que se nos apresenta no Distrito dos Diamantes*” ([1830] 1974. p.13). A pesquisa foi concebida sob a forma de um projeto piloto, passível de expansão para o vasto território do célebre Distrito Diamantino e visa trazer à memória a saga do diamante na Serra do Espinhaço meridional em suas dimensões física e humana. Realizada durante o primeiro semestre letivo de 2017 com os estudantes da UFMG, coordenados pela autora, a pesquisa utilizou os formulários da metodologia do Inventário Cultural Participativo do Iphan (2016) em três categorias: território, saberes e lugares. A ficha “território” identifica, descreve, localiza, apresenta os dados socioeconômicos e a história de SJC; a ficha “saberes” registra o ofício do garimpeiro: o que é, onde está, os períodos importantes, os significados, as técnicas, a transmissão do saber; a ficha “lugares” apresenta a descrição dos geosítios: elementos naturais e construídos, história, vestígios, períodos importantes, atividades que acontecem no lugar, avaliação, recomendações. Além da pesquisa bibliográfica e documental foram realizados três dias de imersão em campo nos geosítios de extração mineral: Barro, Máquina, Chapada, Pagão, Fazenda Caeté Mirim, Lagoa Azul e Sumidouro do rio Caeté Mirim que foram visitados e interpretados por um grupo de estudantes em companhia de um garimpeiro disposto a compartilhar sua experiência e seu conhecimento sobre o local e sobre seu ofício. Como resultado, foram propostas seis rotas com identificação de pontos de interesse para interpretação ao longo do percurso. Os resultados evidenciam o potencial do geoturismo associado à geo-história do diamante como uma forma de valorizar o patrimônio comum que é a riqueza mineral e a história deste território diamantífero.

Referências bibliográficas

BESSE, L.M. Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

IPHAN (Brasil). Educação patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação. Brasília, 2016

LOPES, Laryssa S. O.; ARAÚJO, José L.; CASTRO, Alberto J. F. Geoturismo:

Estratégia de Geoconservação e de Desenvolvimento Local. PUC Minas, Caderno de Geografia, v. 21, n.35, 2011. p. 1-11. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/2069>

MACHADO FILHO, A. M. O negro e o garimpo em Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1985.

MOREIRA, Jasmine C. Geoturismo: Uma Abordagem Histórico-Conceitual. Turismo e Paisagens Cársticas, Campinas, v.3, n.1, p. 5- 10, jun. 2010. Disponível em: <http://www.sbe.com.br/turismo.asp>. acesso em XXXXX

NASCIMENTO, Marcos A. L. do; RUCHKYS, Úrsula A.; MANTESSO-NETO, V. Geoturismo: Um Novo Segmento do Turismo No Brasil. Global Tourism. Vol.3, nº. 2 nov. 2007. Disponível em: <http://www.periodicodeturismo.com.br>

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil; tradução de Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo; Ed da Universidade de São Paulo, [1830] 1974.

TROPPEMAIR, Helmut. Biogeografia e Meio Ambiente. 6ª ed. Rio Claro: Divisa, 2004.